

IRAN SEEN FROM BRAZIL: DIPLOMATIC RELATIONS, ACADEMIC INTERESTS, PUBLISHING POLICIES.

Samira Adel Osman¹

ABSTRACT

Exactly 120 years ago, Brazil and the ancient Persian Empire celebrated the beginning of diplomatic relations. Since then, these relations have been uninterrupted. In 1965, Shah Mohammad Reza Pahlavi made an official visit to Brazil, an event that has only been repeated in this century: President Mahmoud Ahmadinejad came to Brazil in 2009 and President Lula went to Iran in 2010. Despite diplomatic agreements that have also been consolidated into economic and even foreign policy agreements, including Brazil's support for Iran joining the BRICs, it is a fact that there is still little interest in studying Iranian issues in Brazil. These difficulties can be attributed to the lack of knowledge of the Persian language, the little access to research sources, the absence of support from a specialised and up-to-date bibliography, but above all the lack of interest and academic tradition in most Brazilian universities in producing knowledge on the subject of Iran. The aim of this article is to analyse the few academic works, including master's dissertations and doctoral theses, that have dealt with Iranian issues in different fields of research (History, International Relations, Social Sciences, Literature) in order to understand the discontinuity of these works and the possibilities of bringing Brazil-Iran relations closer together from the Global South perspective.

KEY WORDS: Diplomatic Relations, Academic Research, Publishing Policies, Brazil.

¹ Professor of Asian History at UNIFESP (Federal University of São Paulo) São Paulo- Brazil

O IRÃ VISTO DO BRASIL: RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS, INTERESSES ACADÊMICOS, POLÍTICAS EDITORIAIS.

Samira Adel Osman²

RESUMO

Há exatamente 120 anos, o Brasil e, à época, o Império da Pérsia celebravam o início de suas relações diplomáticas que tem perdurado de maneira contínua desde então. Em 1965 o então xá Mohammad Reza Pahlavi veio ao Brasil em visita oficial, evento que só se repetiria no presente século, com a vinda ao Brasil do Presidente Mahmoud Ahmadinejad em 2009, e a viagem do Presidente Lula ao Irã em 2010. Apesar dos acordos diplomáticos que também se consolidaram em acordos econômicos e mesmo da política externa, inclusive recentemente com o apoio do Brasil para a entrada do Irã no BRICs, é fato que ainda há pouco interesse pelos estudos de temas sobre o Irã a partir do Brasil. Tais dificuldades podem ser atribuídas pela falta de conhecimento do idioma persa, acesso às fontes de pesquisa, apoio de uma bibliografia especializada e atualizada, mas sobretudo por uma falta de interesse e tradição acadêmica das universidades na produção de conhecimento cujo tema seja o Irã. Esse artigo pretende analisar os poucos trabalhos acadêmicos, entre eles dissertações de mestrado e teses de doutorado, que trataram de temas iranianos em diferentes áreas de pesquisa (História, Relações Internacionais, Ciências Sociais, Literatura) para, em alguma medida, contribuir para a compreensão da descontinuidade desses trabalhos e as possibilidades de aproximar as relações Brasil-Irã na perspectiva do Sul Global.

PALAVRAS-CHAVES: Relações Diplomáticas, Pesquisas Acadêmicas, Políticas Editoriais, Brasil.

² Professora de História da Ásia - UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo), São Paulo, Brasil; samira.osman@unifesp.br

INTRODUÇÃO

Há exatamente 120 anos, o Brasil e, à época, o Império da Pérsia celebravam o início de suas relações diplomáticas que tem perdurado de maneira contínua desde então. Em 1965 o então xá Mohammad Reza Pahlavi veio ao Brasil em visita oficial, evento que só se repetiria no presente século, com a vinda ao Brasil do Presidente Mahmoud Ahmadinejad em 2009, e a viagem do Presidente Lula ao Irã em 2010. Apesar dos acordos diplomáticos que também se consolidaram em acordos econômicos e mesmo da política externa, inclusive recentemente com o apoio do Brasil para a entrada do Irã no BRICs, é fato que ainda há pouco interesse pelos estudos de temas sobre o Irã a partir do Brasil.

Brasil e Irã não estão distantes apenas geograficamente. A distância pode ser marcada pelas diferenças históricas e culturais, como também pelo pouco interesse que o Irã despertou nos estudos acadêmicos em nosso país, seja pelo desconhecimento da língua, o que dificulta o acesso às fontes documentais e às bibliografias em língua persa, seja pela questão de temas de pesquisa que tem se limitado a assuntos específicos da recente história iraniana como a Revolução de 1979. Essa falta de interesse brasileiro não é exclusiva do Irã e pode ser estendida a boa parte do Oriente Médio e do mundo islâmico. Da mesma forma, os poucos trabalhos se concentraram no pós 11 de Setembro, tendo sido a partir daí o momento em que pesquisadores acadêmicos, jornalistas e editoras brasileiras passaram a olhar para além de suas visões limítrofes sobre um desconhecido Oriente Médio.

Tais dificuldades podem ser atribuídas pela falta de conhecimento do idioma persa, acesso às fontes de pesquisa, apoio de uma bibliografia especializada e atualizada, mas sobretudo por uma falta de interesse e tradição acadêmica das universidades na produção de conhecimento cujo tema seja o Irã. Nesse artigo parto da análise dos acordos culturais entre os países como as primeiras tentativas de aproximação diplomática que lograram poucos resultados, para compreender como os trabalhos acadêmicos, entre eles dissertações de mestrado e teses de doutorado que trataram de temas iranianos em diferentes áreas de pesquisa (História, Relações Internacionais, Ciências Sociais, Literatura), também se realizaram tardiamente. Por fim, como consequência analiso as políticas editoriais que tem publicado, ou não, obras sobre o Irã no Brasil. Assim, pretende-se

contribuir para a compreensão da descontinuidade desses trabalhos e as possibilidades de aproximar as relações Brasil-Irã na perspectiva do Sul Global.

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE O BRASIL E O IRÃ

Em 1903, o Brasil era uma jovem república- proclamada depois do período imperial que durou de 1822 (ano da independência do Brasil sob domínio português) até 1889-, e estabelecia suas relações diplomáticas pelo mundo, entre elas com o Império da Pérsia, mais tarde renomeado Império do Irã. Antes, em 1858 o Império do Brasil e o Império Turco Otomano assinavam os Tratados de Amizade, Comércio e Navegação, sendo este o marco das relações diplomáticas estabelecidas pelo Brasil fora do eixo americano e europeu, diga-se, o mundo ocidental. Mais tarde, foram assinados tratados com o Egito em 1924, após o fim do mandato britânico (1822-1922) e com o Líbano em 1944, após o fim do protetorado francês, além de compor a UNEF (United Nation Emergency Force) em 1956. À medida em que os processos de independência do domínio colonial estabelecidos sobre a África e a Ásia pelas potências europeias se consolidavam com o surgimento de novos países, o Brasil reconhecia e estabelecia relações diplomáticas com as jovens nações, aproximando ainda que tardiamente o maior país da América Latina do Oriente Médio e do mundo islâmico. Ainda assim, as relações do Brasil com o Oriente Médio podem ser consideradas tímidas para o período, e continuariam ainda por muitas décadas nessa posição

Entre 1903 e 1977, período em que o Irã vivia sob o regime monárquico, foram assinados quatro acordos. Nos Tratados de 1903, sobre Amizade e Comércio, estabeleciam-se as primeiras tratativas entre ambos os países, limitados ao campo econômico e técnico, assim como os de 1975 e 1977, sendo que apenas em 1957 foi assinado o Acordo Cultural entre Brasil e Irã, visando a incentivar relações culturais e intercâmbio cultural, científico, literário e artístico, por meio de livros, publicações, programas de rádio, filmes, exposição de artes, além de promover a criação de associações, o turismo, o esporte e o escotismo. O acordo ainda previa o estímulo de viagens de estudantes, professores, pesquisadores, com a possibilidade de concessão de bolsa de estudos e auxílio financeiro, objetivando-

se maior compreensão entre os povos e conhecimento das respectivas histórias dos países signatários¹. Em 1961, como parte do acordo, o Brasil elevava sua legação à condição de embaixada em Teerã, firmando as relações diplomáticas entre ambos os países. O acordo passou a vigorar em 28 de dezembro de 1962 e suas cláusulas foram ratificadas nos acordos de 1975.

No entanto, poucas ações do campo cultural foram efetivamente concretizadas, limitando-se às intenções apenas. Na visita do Xá Mohammed Reza Pahlevi realizado ao Brasil em 1965², ratificavam-se os acordos de 1957 e, para que se concretizassem, propunha-se a criação de cadeiras estudos iranianos na Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ) e a Universidade de São Paulo (USP), e de um cadeira de estudos brasileiros na Universidade de Teerã³. Neste mesmo período, era criada na USP a Seção de Estudos Orientais incluindo seis cursos: árabe, hebraico, russo, chinês, japonês, armênio e sânscrito, mas o persa não foi considerado nesse projeto.

Enquanto o Brasil passava pelo período da Ditadura Militar (1964-1985), o Irã viveu nas mesmas décadas o ocaso do Império e o conturbado período revolucionário que se concretizaria na Revolução de 1979 e na instalação da República Islâmica. Assim, os acordos que vigoravam nesse período estagnaram-se não indo além dos documentos oficiais. Ao mesmo tempo, o Brasil manteve a sua Política Externa Independente (PEI), estabelecendo relações com países do Sul-Sul, sobretudo com países da África e do Oriente Médio. No entanto, durante o conflito Irã-Iraque (1980-1988) o Brasil se posicionou de forma neutra ao menos nas vias diplomáticas, mas com uma política externa alinhada aos interesses norte-americanos foi um importante parceiro comercial do Iraque, abastecendo o regime liderado por Saddam Hussein (1979-2003) de aviões de guerra e dando apoio na área nuclear. Mais tarde, a ambiguidade marcou as ações brasileiras, apoiando e estabelecendo acordos com os dois países.

¹ Acordo Cultural entre o Governo dos Estados Unidos do Brasil e o Governo Imperial do Irã. Irã Cooperação Artístico-cultural 22/11/1957 Em Vigor. Disponível em <https://concordia.itamaraty.gov.br/>.

² Nessa viagem o Xá teria apresentado a Mesquita do Brasil, a primeira em construção em São Paulo, no país e na América Latina, com tapetes persas. Infelizmente, foram retirados da sala de orações e seu destino é desconhecido.

³ Comunicado Final de 10/05/1965. Disponível em <https://concordia.itamaraty.gov.br/detalhamento-acordo>

Ao fim do regime militar no Brasil, durante o governo José Sarney (1985-1990), o Brasil buscou uma aproximação com o governo do Irã, resultando em um memorando de entendimento entre ambas as nações e procurando estreitar parcerias e relações econômicas, principalmente no campo da agricultura, mas que teve pouca repercussão no governo seguinte (Fernando Collor de Mello, 1990-1992) que optou por uma política externa e econômica voltada aos organismos internacionais e aos países da Europa e os Estados Unidos. Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que adotou uma postura de neutralidade, esse presidente estabeleceu cooperações e relações comerciais com o Irã.

Após esse curto governo e aproximações pontuais, as relações entre Brasil e Irã só ganharam maior relevância com o estabelecimento do Governo Lula (2003-2010). Enquanto no primeiro mandato as relações ocorreram com os países árabes, levando à criação da Cúpula América do Sul e Países Árabes (ASPA), no segundo mandato o Irã foi o país incluído na política externa brasileira voltada para o Oriente Médio, resultando nas visitas recíprocas de seus presidentes, Lula e Ahmadinejad, aos respectivos países, bem como no incremento do comércio exterior, na promoção acordos de cooperação científica e tecnológica e estabelecimento de programas como Acordo de Cooperação Artístico Cultural (2009, expirado) e Acordo de Cooperação Educacional e Esportiva (2010, em vigor), além de assinatura de memorandos nas áreas de turismo, feira e exposições e de meio ambiente (2010). Além disso, a mediação do governo Lula juntamente com o governo turco na questão dos acordos nucleares de 2010, conhecidos como Declaração de Teerã, reforçaram o papel da política externa brasileira e do Brasil como um importante ator social.

No Governo Dilma (2011-2016) e de seu sucessor no pós impeachment houve uma distensão dessa proximidade, alcançando uma maior distância com o último governo (2019-2022) que adotou uma postura declaradamente pró-Estados Unidos e anti-Irã. O novo Governo Lula, recém-iniciado, ainda não retomou sua agenda internacional voltada para as questões do Oriente Médio, mas o posicionamento brasileiro em favor da Palestina e os esforços para um cessar fogo na Faixa de Gaza desde outubro de 2023 é uma mostra da volta da normalidade

política brasileira, dentro e fora do país. Além disso, verifica-se o apoio brasileiro ao ingresso do Irã ao BRICS.

PESQUISAS ACADÊMICAS: ESTUDANDO O IRÃ NO BRASIL

A criação de cadeiras de Estudos Iranianos nas duas maiores e mais importantes universidades brasileiras proposta em 1957 e ratificada em 1965 nunca foi além de meras intenções. Diferentemente do que ocorreu com os estudos árabes, incentivados pela presença de uma comunidade imigrante de origem libanesa e síria, os estudos iranianos não tiveram apoio semelhante e o desenrolar dos eventos históricos de cada um dos países colaborou para o interesse tardio de temas que envolvessem o Irã no Brasil. Do mesmo modo, as universidades brasileiras, ao contrário do modelo norte-americano e de alguns países europeus, não aderiram aos Estudos de Área e, no lugar, estabeleceram Departamentos correspondentes aos campos da História, Antropologia, Ciências Sociais, Filosofia, entre outras, o que repercute que um mesmo tema possa ser explorado nessas diferentes áreas.

Para identificar os estudos sobre o Irã no Brasil, foi necessário realizar um levantamento de dissertações de mestrado e teses de doutorado em diferentes programas de pós-graduação no país, o que é possível pelo banco de dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que concentra os dados da produção acadêmica nas universidades brasileiras, e pelo qual é possível também acessar na íntegra a maior parte desses trabalhos. Nessa pesquisa, por meio de palavras-chaves como Irã, Revolução Iraniana, Revolução de 1979, Xiismo, Iraniano (a), Persa foram levantados 82 trabalhos sendo 67 dissertações de mestrado e 15 teses de doutorado. Esses dados foram tabulados em áreas de pesquisa, regiões do Brasil, período de produção e temas.

Em relação às áreas de pesquisa são 21 trabalhos em História (7 doutorados e 14 mestrados), 17 em Relações Internacionais e áreas afins (1 doutorado e 16 mestrados), 13 em Ciência da Comunicação e áreas afins (3 doutorados e 10 mestrados), 8 em Letras e Literatura (1 doutorado e 7 mestrados), 5 em Antropologia (1 doutorado e 4 mestrados), 7 mestrados em Ciências Sociais, 1

doutorado e 2 mestrados em Ciência da Religião/Teologia), 3 mestrados em Educação e 3 em Filosofia, 1 doutorado em Psicologia, 1 mestrado em Engenharia de Produção. Desses trabalhos, apenas 3 autores desenvolveram ambas as pesquisas de mestrado e doutorado sobre temas relacionados ao Irã, o que significa que 12 doutores não desenvolveram o tema no mestrado e entre os mestres 64 não deram continuidade ao tema de pesquisa.

Essas pesquisas estão espalhadas por diversas universidades brasileiras, tanto federais e estaduais (públicas) como privadas, em todas as regiões com exceção da Norte. A região Sudeste⁴ concentra a maior parte dos trabalhos, 52, sendo que das 15 teses de doutorado 12 foram desenvolvidas nessa região, especificamente na Universidade de São Paulo (USP), além dos 40 mestrados. Na região Sul⁵ são 18 trabalhos (16 mestrados e 2 doutorados), na região Centro-Oeste 1 doutorado e 7 mestrados⁶, e na região Nordeste 5 (1 doutorado e 4 mestrados)⁷.

Considerando o período em que esses trabalhos dedicados à temáticas dedicadas ao Irã, nota-se que apenas a partir dos anos 2000 é que essas pesquisas começaram a ser desenvolvidas no Brasil, o que não é surpreendente já que os temas ligados ao Oriente Médio, mundo árabe, islamismo tiveram pouco interesse no país. A Universidade de São Paulo foi a pioneira nesses estudos, que foram desenvolvidos na década de 1970 com temas amplos e diversos que circundam as temáticas sobre o Oriente Médio. São cinco teses de doutorado: *As seitas islâmicas: surgimento, principais ideias e ramificações* de Helmi Mohammed Ibrahim Nasr; *Considerações sobre os geógrafos árabes a partir de Al-Mas'udi* de Joubran Jamil El Murr; *O movimento Zubairita: seu comandante e suas atividades políticas e militares* por Abd Allah Abd al Chakkur Kamel; *A Imigração Árabe no Brasil (1880-1971)* de Jorge Salim Safady; *Os sentidos da História através dos Prolegômenos de Ibn Khaldun* de Aidyl Carvalho Preiss. Todos esses trabalhos tiveram a orientação do Professor Eurípides Simões de Paula que,

⁴ A região Sudeste é formada pelos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Há trabalhos nesses estados.

⁵ A região Sul é formada pelos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Há trabalhos nesses estados.

⁶ Os trabalhos foram desenvolvidos em Goiás e no Distrito Federal (Brasília).

⁷ Os trabalhos foram desenvolvidos na Bahia, Paraíba, Ceará e Sergipe.

inclusive, escreveu uma tese intitulada *Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade*.

Esses estudos, foram por décadas, os únicos dedicados a essa temática, e o Irã e os estudos iranianos não foram contemplados, a despeito dos acordos culturais em vigor. A partir dos anos 2000 ocorre uma virada nesses interesses, com um grande crescimento de estudos que incorporaram os estudos sobre o Oriente Médio no Brasil, o que está diretamente relacionado aos acontecimentos do 11 de Setembro e como eles deram visibilidade a temas como Islamismo, Comunidade Muçulmana no Brasil, Países do Oriente Médio, incluindo nesses interesses tardios o Irã e os estudos sobre temática iranianas. Isso não é um caso isolado. Em relação à imigração árabe, os estudos dispararam no pós 11 de Setembro, sendo que de 1970 ao início dos anos 2000 foram 26 trabalhos e a partir de 2004 mais de 100 trabalhos⁸; e em relação à Palestina observa-se a mesma problemática contabilizando para o período entre 2000-2020 em torno de 100 pesquisas⁹.

Os primeiros seis estudos dedicados ao tema Irã no Brasil foram concluídos entre 2001 e 2004, sem que se possa relacionar diretamente os impactos dos ataques aos Estados Unidos e os incremento dos interesses acadêmicos de pesquisadores brasileiros. A partir daí, é possível perceber um vertiginoso crescimento: entre 2000-2010 foram 18 pesquisas; entre 2011-2020 o número saltou para 48; entre 2021-2023 já são 16 trabalhos, projetando a tendência de crescimento. Além do 11 de Setembro como propulsor desses interesses, outras influências podem ser consideradas como a própria política externa brasileira para o Oriente Médio e com o Irã durante o Governo Lula (2003-2010); as visitas presidenciais recíprocas entre os chefes de Estado dos dois países; a intermediação brasileira nos acordos nucleares; o incremento das relações comerciais e as ações diplomáticas. Indiretamente, essas ações influenciam os

⁸ OSMAN, Samira Adel. A imigração árabe no Brasil. Balanço da Produção Acadêmica (1970-1920). *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 13, n. 2, jul.-dez., 2020, pp. 236-254.

⁹ FIGUEIREDO, Carolina & GALVÃO, Nina. A produção acadêmica brasileira sobre a Palestina entre 2000 e 2021: pesquisas e abordagens. *Veredas da História*, [online], v. 14, n. 2, p. 58-82, dez., 2021

interesses acadêmicos pois há maior visibilidade, inclusive da mídia, para um país culturalmente distante.

Na análise dos temas de pesquisa podemos perceber essas influências, que podem ser categorizados em cinco principais tendências: 1. Temas gerais sobre o Irã, incluindo língua, cultura e história; 2. Revolução Iraniana de 1979, abarcando o período especificamente e suas decorrências na atualidade; 3. Política Externa e o Irã, incluindo as ações do Brasil; 4. Visões sobre o Irã no Brasil, a partir de uma comunidade iraniana, pela literatura e pelo cinema; 5. A questão das mulheres, a partir dos debates sobre gênero. Sem ter a intenção de analisar todos esses trabalhos, dentro dos limites desse artigo apresento as tendências gerais das pesquisas e algumas problematizações.

Em relação aos estudos sobre temáticas gerais sobre o Irã, o primeiro trabalho é um mestrado de 2001, intitulado “Uma Introdução ao Persa”, defendido na área de Letras e Linguística na Universidade Federal da Bahia cuja proposta, como se observa pelo título, é o ensino da língua. Outros trabalhos ligados à história persa/iraniana levaram aos estudos sobre literatura, tradição e mística, a partir da tradução e comentário do Livro dos Reis, Shahnameh de Ferdowsi, assim como de tradução e análise de obras de Jalal Uddin Rumi e de Hafiz de Shiraz; análise do texto persa Zand ī Wahman Yasn para discutir sobre o tema do apocalipse no zoroastrismo, e ainda na comparação da escatologia nessa religião e no catolicismo romano; além da discussão sobre o conceito de beleza e amor para os filósofos Suhrawardi and Mulla Sadra, e na construção de jardins, na antiguidade persa e na atualidade iraniana. A questão religiosa, o xiismo iraniano, também foi tema de um trabalho foi analisado de forma comparativa visões milenaristas no cristianismo com a vinda do Messias e no xiismo com a vinda do Mahdi. Três trabalhos aproximam o Brasil do Irã: um por meio do design de produtos usando elementos estéticos da cultura iraniana; o segundo por meio da comparação entre os sistemas de ensino de matemática nos dois países; e o terceiro que usou o cinema iraniano como forma de discutir diversidade cultural nas escolas e o olhar sobre o outro.

Descontando esses doze trabalhos (2 doutorados e 10 mestrados), que versam sobre temas do Irã/Pérsia ligados à história mais remota ou sobre temáticas amplas e por vezes inusitadas, 74 trabalhos trataram do Irã contemporâneo, após a Revolução de 1979 e suas decorrências. A Revolução propriamente provocou a realização de dez trabalhos (3 doutorados e 7 mestrados), cujas pesquisas abordaram a concepção de um projeto de nação sob as ideias do Aiatolá Khomeini e dos ulemás, a força política do islamismo xiita, as conexões entre religião e governo, a elaboração da Carta Constitucional, o sistema político e a instauração da República Islâmica.

Alguns trabalhos abordaram a temática revolucionário a partir dos debates sobre modernidade e modernização, retrocedendo a análise para o período do Governo Pahlevi para compreender as transformações do período que levaram ao processo revolucionário. Por fim, análises centradas nas visões do filósofo e historiador Michel Foucault sobre os acontecimentos no Irã também foram abordagens para a compreensão da Revolução. Outros seis trabalhos (3 doutorados e 3 mestrados) abordaram temas relacionados à Revolução mas em uma temporalidade estendida à consolidação do movimento, análise do pensamento de Tahir al-Barqawi e de Baqir Assadr, além de apresentar o conceito de wilayat al-faqih na propagação da revolução, e tratar dos movimentos estudantis no período Khatami, a questão das eleições presidenciais em 2009, e os debates sobre religião, modernidade e direitos humanos. Um estudo comparativo entre o estabelecimento da República Islâmica do Irã e a redemocratização do Brasil com o fim do Regime Militar completa esses estudos.

Outra vertente foi analisar as repercussões da Revolução Iraniana por meio da imprensa e outros impressos, sendo contabilizados quatro trabalhos (2 doutorados e 2 mestrados). Nas revistas *The Christian Century* and *Christianity Today* ambas publicadas nos Estados Unidos analisou-se como a cobertura da Revolução Iraniana por esses veículos contribuíram para propagar uma imagem do Islamismo como violento e anacrônico. Nas mídias brasileiras, a Revista Veja e o Jornal Folha de S. Paulo foram utilizados como fonte para compreender as representações sobre o Irã em dois momentos chaves: a Revolução de 1979 e a

crise dos reféns da Embaixada norte-americana, e em comparação com outros periódicos, O Clarín da Argentina e o New York Times. Essas análises basearam-se na perspectiva dos debates sobre o Orientalismo de Edward Said em contraposição às visões de Bernard Lewis e Samuel Huntington, cujas ideias e concepções sobre o Oriente Médio e o Islamismo ainda repercutem na imprensa brasileira.

O Irã na política externa também foi objeto de análise de boa parte dos trabalhos desenvolvidos no país. Foram 13 trabalhos (1 doutorado e 12 mestrados), seis deles tratando do Irã como caso, contraponto, eixo de oposição aos Estados Unidos, além de alvo preferencial das sanções econômicas, ameaças e securitização, assim como analisaram a forma como o governo norte-americano associou o Irã à concepção de uma ameaça mundial. Enquanto o Irã ocupa a posição do “eixo do mal” na perspectiva estadunidense, explora-se também a oposição do país em relação à Arábia Saudita e à Turquia, como atores regionais e rivais em disputa pela hegemonia no Oriente Médio em decorrência de acontecimentos como a Guerra ao Terror no pós 11 de Setembro, da Primavera Árabe e dos Acordos de Abraão. Em outros estudos comparativos, o Irã junto com a China é visto como um país persecutório das minorias, como a cristã, e em comparação com a Ucrânia na análise dos fenômenos da ciberguerra.

Já do ponto de vista brasileiro, os estudos sobre a temática da política externa em relação ao Irã é tratada conjuntamente com outros países como Egito, Turquia e o Líbano, especificamente no contexto da Guerra Fria e nos debates sobre nacionalização e utilização de recursos naturais; nas relações diplomáticas entre ambos os países no período da Revolução que coincidiu com o Regime Militar no Brasil (1964-1985); e na nova política para o Oriente Médio durante o Governo Lula (2003-2010), abarcando tanto os países árabes com a criação da ASPA-Cúpula América do Sul e Países Árabes, como também a Turquia e o Irã.

Enquanto esses trabalhos estiveram preocupados com as questões de ordem política, econômica e social relacionados com o processo revolucionário e suas repercussões contemporâneas, em outro vertente foram desenvolvidos trabalhos sobre o Irã que trataram de questões ligadas ao campo cultural, com pesquisas

voltadas para temas como a religião, o cinema e a questão das mulheres. A presença de uma comunidade iraniana no Brasil foi tratada em quatro pesquisas (1 doutorado e 3 mestrados) a partir de questões religiosas (xiismo, baha'i, e dissidentes), colocando em evidência um grupo migratório pouco conhecido nacionalmente.

No campo cultural, o tema mais relevante nas pesquisas foi o cinema iraniano, um dos aspectos a ser promovido na aproximação cultural entre os dois países desde os acordos de 1957. Foram dois doutorados e doze mestrados nessa temática, cujas discussões trataram do chamado novo cinema e o novo realismo, especificamente em obras de diretores como Abbas Kiarostami, Jafar Panahi, Mohsen e Samira Makhmalbaf. Essa aproximação foi possível graças às Mostras de Cinema¹⁰, sobretudo na cidade de São Paulo, que levou o espectador brasileiro a conhecer e apreciar essas obras, a ponto de se tornarem temas de pesquisa. Esses trabalhos versam sobre duas temáticas: uma delas estudos sobre o cinema iraniano a partir de questões ligadas à sua formação e desenvolvimento, sobretudo no período pós-revolucionário, dimensões estéticas, poéticas e políticas, assim como sobre especificidades dos diretores e suas produções. A segunda abordagem é usar o cinema iraniano para tratar de aspectos políticos, históricos ou sociais apresentados nessas produções, sobretudo a temática da mulher e as questões de gênero no Irã.

A questão das mulheres, tema de 14 mestrados, deve ser compreendida dentro dos debates de gênero, sobre feminismo, religião, questão do hijab, identidade, e a condição feminina nas questões profissionais e de trabalho, inclusive em relação à prática esportiva, e mesmo em sua participação política antes e depois da Revolução. Nesse aspecto, destacam-se dois trabalhos: um que tratou da análise discursiva de artigos de Mahnaz Afkhami sobre temas ligados ao movimento de mulheres no Irã no Período Pahlevi no que se refere à questão de temas como liberdades e direitos civis; outro que fez uma análise discursiva de

¹⁰ A Mostra Internacional de Cinema de São Paulo é um festival que ocorre anualmente na maior cidade do país desde 1977. A partir de 1990, o cinema iraniano fez parte da programação da Mostra com a exibição da obra *Close-up* de Kiarostami e *O Ciclista* de Makhmalbaf. Na edição 47ª ocorrida em 2023 foram exibidos 10 filmes produzidos no Irã.

denúncia presentes nos cartoons de Mahnaz Yazdani. Na perspectiva do discurso, o uso compulsório do véu (hijab) é analisado pelo movimento My Stealthy Freedom.

Além da produção cinematográfica, a produção literária foi outro modo de explorar o tema das mulheres e, assim como no cinema, há autores e obras comuns exploradas: Azar Nafisi, Marjane Satrapi, Shirin Ebadi, Amir Soltani e Khalil Bendib, sendo a obra *Persépolis* tema de sete trabalhos, metade do total. Identificadas como escritas autobiográficas, escritas íntimas, literatura de exílio, identidades e alteridades, ganham um aspecto de denúncia sobre a condição da mulher iraniana retratada pelas autoras em suas obras como subalternizadas, inferiorizadas, tiranizadas, silenciadas, reprimidas, veladas, cobertas, infelizes. A dissidência e o exílio no Ocidente transforma essas inconformadas autoras em símbolos de resistência contra a opressão feminina no Irã e no Oriente Médio, sendo o material de análise preferencial para debater questões como feminismo e questões de gênero. Essas produções, traduzidas para o português e publicadas no Brasil, devem ser analisadas na perspectiva das políticas editoriais e das decisões por trás dessas escolhas.

POLÍTICA EDITORIAL: O QUE SE LÊ SOBRE O IRÃ NO BRASIL

“Turbantes, homens violentos, mulheres de chador, fuga, perseguição, morte e diálogo com o Ocidente: a imagem do Irã nas capas de livros publicados no Brasil após a Revolução Iraniana” é o título de uma dissertação de mestrado que dispensa maiores elucidações e que tem o mérito de explicitar certa visão do Irã no Brasil, sobretudo veiculada pela mídia televisiva e impressa, e presentes senão nas obras literárias propriamente, ao menos na forma como as editoras quiseram atrair leitores.

O que se lê sobre o Irã no Brasil? Qual imagem do Irã essas leituras ajudam a construir? Para responder a essas questões, é necessário considerar as traduções de obras literárias e acadêmicas e a produção nacional sobre o tema, assim como considerar os interesses das editoras nessas publicações. No Acordo Cultural de 1957 previa-se a aproximação entre os dois países por meio da literatura e da

publicação de obras dos e nos respectivos países, ainda que não se definissem critérios para essas escolhas editoriais.

Mesmo antes do Acordo, algumas obras clássicas da literatura persa já eram traduzidas de forma diletante do Brasil, com destaque para autores persas consagrados mundialmente como *Os Gazeis* de Hafiz de Shiraz (n.1320) e *Vinho, vida e amor* de Hafiz e Saadi (n.1210), ambos publicados pela primeira vez em meados da década de 1940 e traduzidos diretamente do persa pelo lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda, além de *Rubaiyyat* de Omar Khayyam traduzido do inglês por Jamil Almansur Haddad em 1978. Khayyam e Saadi continuam recebendo novas traduções e edições, acompanhado por Nizam com *Laila e Majnun*. A Clássica História de Amor da Literatura Persa, Farid ud-Din Attar (1145-1221) com *A Linguagem dos Pássaros* (2015), Rumi (1207-1273) e *A flauta e a lua: Poemas de Rumi* (2016). Essas obras muitas vezes são compreendidas, apresentadas e classificadas como literatura persa e, por vezes, dissociada do Irã.

Como literatura dita iraniana, são as obras de expatriados que são traduzidas e publicadas no Brasil a partir dos anos 2000, acompanhando a tendência editorial de escolher autores que tratam sobre a história do país como forma a denunciar as mazelas da sociedade por meio da literatura. Ter nascido no país, ser de origem, compreender sobre esse mundo no qual se viveu (ainda que seja só a infância), é a autoridade da fala denunciada por Edward Said em seu ensaio sobre “Entre os fieis (sobre V.S. Naipaul)”. A questão não é quem escreve ou o que se escreve, mas sim para quem se escreve e o que se quer ler sobre esse tema. Assim, é para o Ocidente e para o público ocidental que estão voltadas essas obras, pois o “Islã é o ‘lugar’ que se deve criticar” (Said, p. 44). Claro, que não são obras apenas sobre o Irã; há sobre o Afeganistão, a Arábia Saudita, a Líbia, e outros lugares onde os valores ocidentais ou não chegaram ou não são respeitados.

Azar Nafisi com *Lendo Lolita em Teerã*; Marjani Satrapi com *Persépolis*, Frango com *Ameixa e Bordados*; Dalia Sofer com *Setembros de Shiraz*; Mahbod Seraji com *Os Telhados de Teerã*; Amir e Khalil com *O Paraíso de Zahra*; Roxana Saberi com *Entre dois mundos: minha vida de prisioneira no Irã*; Saniee Parinoush com *O Livro do Destino e Escondi Minha Voz*; Vali Mintzi e Rita Jahanforuz com

A Escolha de Shiraz, Shahriar Mandanipour com *Quando o Irã Censura uma História de Amor*, publicadas por grandes casas editoriais brasileiras, tornaram-se leitura obrigatória para quem quer conhecer o Irã pelos olhos de um iraniano. O estilo *graphic novel* de algumas delas atrai o leitor jovem que se aproxima pela primeira vez sobre o tema e inspira algumas das produções acadêmicas brasileiras.

Interessante é analisar como são apresentadas as sinopses dessas obras, seja em sites de busca e vendas como *Amazon* que replicam os conteúdos das Editoras das obras, seja em blogs amadores que dão dicas sobre temas relacionados ao Irã. Invariavelmente, há uma chancela de algum jornal norte-americano (*The New York Times*, *Sunday Review*, *Publishers Weekly*), de figuras públicas (Barack Obama, Hillary Clinton) ou da crítica estrangeira, de milhões de leitores pelo mundo ou pelas inúmeras línguas e países onde foi publicado anteriormente. Depois segue a qualificação do gênero da obra: biografia, autobiografia, memórias, baseado em fatos reais, com uma rara visão interna e profunda do país e da sociedade iraniana, atestando a legitimidade da escrita, assim como a informação de que autor (a) nasceu no Irã, ou lá passou sua adolescência e o momento da imigração para um país do Ocidente onde ocorre a escrita. Os temas que perpassam as obras são apresentados: casamentos forçados, arranjos, malfadados; adultério e virgindade; machismo e patriarcado; imposição de tradições, costumes obsoletos e atitudes peculiares. Em seguida as qualificações do país ou do momento da Revolução: turbulento, repressivo, abusivo, tirano, repressor, miserável, privativo, irracional, conflituoso, censor, sangrento, moralista, autoritário, violento, caótico, corrupto. E, para concluir, trata-se de uma sociedade contaminada pelo medo e incerteza, palco de sangrentos conflitos, assolado pelo poder dos aiatolás, decorrente de uma “Revolução que lançou o Irã nas trevas do regime xiita, apenas mais um capítulo nos muitos séculos de opressão do povo persa.”¹¹

Alguns títulos são de autoria de jornalistas brasileiros que escrevem obras amplas e genéricas sobre o Irã, a partir de viagens ou pela experiência de ter vivido por um período no país. Os mais antigos, como *Irã: a força de um povo e sua religião* (1979), *A revolução dos turbantes* (1981), *Descobrendo o Irã* (1999),

¹¹ <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535911626/persepolis-completo>.

foram lançados no contexto da Revolução, e oscilam entre a proposta de desvendar o país ao leitor brasileiro destacando as diferenças culturais e religiosas, vistas como complexas, e elucidar os temas de forma isenta e crítica ainda que optem por usar termos como “o país dos aiatolás” e “revolução dos turbantes”.

Os mais recentes procuram romper com estereótipos e visões pré-concebidas sobre o país iraniano, identificando a falta de conhecimento de sua história, cultura e sociedade do leitor brasileiro e assumem uma intenção didática nas obras, a fim de melhor esclarecer sobre um país milenar que é qualificado como intrigante, apavorante, surpreendente, fascinante, desconhecido, extraordinário, misterioso, apaixonante, enigmático, adjetivações que podem parecer positivas mas que também carregam doses de orientalismo. Destacam-se os embates entre tradição e modernidade representadas pelo chador e pela calça jeans, no bazar nos e shoppings centers; as contribuições culturais milenares na medicina, na literatura, na tapeçaria, ou contemporâneas como na cinematografia; o crescimento de uma sociedade jovem e pulsante que se deslumbra pelo mundo de fora mas que é barrada por um governo arcaico e opressivo.

O Irã é tratado nessas obras como um lugar de contrastes: machismo opressivo convive com o ativismo libertário feminista; a censura e a prisão provocam manifestações; o religioso embate com o secular. Longe de uma compreensão de que esse não é um problema específico do Irã, nem mesmo de outros países do Oriente Médio, essas obras ao tentar esclarecer acabam por reforçar estereótipos que querem combater e colocam o país em uma visão próxima daqueles que os detratam, codificada na ideia de que o Irã “prega o ódio ao Ocidente”. É um país de “1001 faces” e nem sempre as melhores. Títulos como *O Irã sob o chador*, *Os Iranianos*, *Trágica e Bela*, dão a tônica da intencionalidade das obras e a pretensão de “revelar ao leitor brasileiro quem realmente são os iranianos.”¹²

Do ponto de vista acadêmico, algumas poucas obras foram publicadas por pesquisadores brasileiros da temática iraniana ou acadêmicos universitários. Quatro delas são resultados das pesquisas de mestrado e doutorado publicados em

¹² <https://www.editoracontexto.com.br/produto/os-iranianos/1496580>

forma de livro para atender um público especializado ou mais amplo. Duas obras tratam sobre as questões do cinema iraniano, grande sucesso de público, um na perspectiva de debates as ideias do diretor Abbas Kiarostami; outra ainda interpretando o cinema iraniano por suas repercussões no exterior. Três deles (Meihy, Costa, Trauman) procuram abordar a história recente do Irã marcada pela Revolução de 1979 e a instauração da República Islâmica como uma decorrência do processo e não uma anormalidade, assim como um deles (Costa) estende o debate para temas mais contemporâneos como o assassinato de Soleimani. Por fim, uma obra que pretende ser didática, voltada para um público mais ou menos especializado, derrapa em sua sinopse ao definir o Irã como “uma região conturbada desde tempos imemoriais”, “honra a tradição e abriga situação explosiva”, e apresenta algo exemplar como é a “revolução dos aiatolás”.¹³

Por fim, do ponto de vista das traduções de obras acadêmicas e não ficcionais os títulos do catálogo são restritos e limitados a autores ocidentais que escrevem sobre o Irã. Não há publicação de autores iranianos analisando sua própria história que tenha sido publicada no Brasil, com exceção de *Diálogos Entre Civilizações: o Irã Contemporâneo e o Ocidente* de Muhammad Khatami. Três livros da década de 1980 refletem os efeitos imediatos da Revolução Iraniana expressos em títulos como *Fanáticos, Quando o coração grita. O Genocídio dos Baha'is no Irã e o Irã não faz prisioneiros*. Uma única obra, de Sandra Mackey, intitulado *Os iranianos: Pérsia, Islã e a alma de uma nação*, trata de um recorte temporal para além de 1979. Outras duas, ainda que motivadas pelo mesmo fato, dedicam-se ao governo do Xá Reza Pahlevi, um a partir do Golpe de 1953 (*Todos os homens do xá: o golpe Norte-Americano no Irã e as raízes do terror no Oriente Médio*) e outro centrado na própria figura do último monarca (*O Xá dos Xás*). A crise dos reféns é tema de uma publicação (*Reféns no Irã*), enquanto as visões e opiniões do filósofo e historiador Michel Foucault sobre a Revolução levaram a duas publicações (*Foucault e a Revolução Iraniana e O enigma da revolta*).

Assim, pode-se considerar que o panorama editorial sobre o Irã no Brasil continua limitado quantitativamente e precisa ser ainda muito aprimorado

¹³ <https://editoraunesp.com.br/catalogo/9788571398269,a-revolucao-iraniana>

qualitativamente, superando as visões fixas sobre o Irã, a Revolução Iraniana e o papel dos aiatolás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção desse artigo e de acordo com a proposta dessa Conferência foi oferecer um panorama das relações culturais e acadêmicas entre o Irã e o Brasil, estabelecidas desde 1903 mas pouco concretizadas, apesar de transcorridos 120 anos. Inusitadamente, uma exposição para marcar a efeméride foi realizada na cidade de São Francisco do Sul, no Estado de Santa Catarina, contando com a presença do Embaixador Iraniano, Hossein Gharibi. Intitulada “Um Retrato do Irã” e com o lema “Compreender as diferenças, aprender e respeitar as culturas”, contou com exposições de fotografias e tapetes e exhibições cinematográficas, que retrataram temas da história, natureza e religião, pretendeu marcar as conexões diplomáticas entre ambos os países e ampliar as ações culturais e os intercâmbios, ainda incipientes¹⁴.

Ainda é pouco, mas revela as possibilidades concretas de aproximação não apenas voltados para os interesses comerciais e econômicos que marcam as relações Irã-Brasil. Da mesma forma, ações culturais concretas e positivas podem colaborar para uma visão de um em relação ao outro para além de estereótipos que, por muitas vezes, marcam a forma como vemos e entendemos culturas distantes. No caso do Brasil, o Oriente Médio e o mundo islâmico também têm sido abordados a partir de elementos fixos, a fixidez do estereótipo como alerta Homi Bhabha.

A forma sutil ou direta, por vezes encantadora, brincalhona e divertida como essas imagens vão sendo construídas e fixadas no imaginário brasileiro encontram maior expressão na música popular e nas chamadas marchinhas de Carnaval, o maior evento popular da cultura brasileira. As marchinhas com letras simples e curtas, rimas fáceis de compreender e memorizar, além do ritmo

¹⁴<https://www.saofranciscodosul.sc.gov.br/noticia/11586/um-retrato-do-ira-celebracao-dos-120-anos-de-relacoes-diplomaticas-entre-brasil-e-ira-e-marcada-pela-cultura>.

acelerado, embalaram desde o final do século XIX as apresentações carnavalescas, atingindo seu auge entre as décadas de 1920 e 1960 e ainda repercutindo nas décadas de 1980 e 1990 com criações baseadas em versos bem humorados, de sentidos dúbios, ambíguos, irônicos e maliciosos. O mundo árabe, o islamismo e o Oriente Médio não escaparam dessas representações, marcadas por elementos simbólicos como deserto, camelos, odaliscas, beduínos, sheiks, xás, aiatolás, gênios da lâmpada, petróleo e riquezas infinitas, em lugares que misturam no mesmo espaço referencial o Saara, o Egito, o Irã e o Iraque, como um lugar único e indistinguível, numa geografia imaginativa nas palavras de Edward Said, que continua opondo Oriente e Ocidente em categorias fixas e imutáveis.

Destaco três marchinhas. A primeira delas, *Allah-lá-ô*¹⁵, composta na década de 1940 por Haroldo Lobo e Antônio Nássara, é um sucesso eterno e continua até hoje embalando os foliões. Com o refrão “Allah-la-ô”, “Allah, meu bom Allah”, rimando com Iaiá e Ioiô¹⁶ e versos que aludem às orações (“e muitas vezes tivemos que rezar”), faz referência à palavra Deus em árabe com ligação direta ao mundo islâmico, acrescentando elementos do deserto, do sol escaldante, e o Egito como o lugar do exótico.

A segunda delas, intitulada *Pra lá de Bagdá*¹⁷, foi composta em 1960 por Luiz Carlos Sá e amplia o espaço geográfico para Bagdá, no atual Iraque, associados ao desejo de mudar de vida (“eu quero me arrumar”), sair da pobreza (“almoçar roendo osso”), e à ideia de riqueza advinda do petróleo (“que jorra nessas terras”), da ostentação (“diamante pendurado no pescoço”), da subserviência das mulheres servindo aos homens (a odalisca). A marchinha caiu

¹⁵ A letra está baseada na repetição dos seguintes versos: Allah-la-ô, ô-ô-ô, ô-ô-ô/Mas que calor, ô-ô-ô, ô-ô-ô/ Atravessamos o deserto do Saara/ O Sol estava quente e queimou a nossa cara/ Allah-la-ô, ô-ô-ô, ô-ô-ô Allah-la-ô, ô-ô-ô, ô-ô-ô/Viemos do Egito/E muitas vezes nós tivemos que rezar/Allah, Allah, Allah, meu bom Allah/Mande água pra Ioiô/Mande água pra Iaiá/ Allah, meu bom Allah.

¹⁶ Iaiá e Ioiô são derivações das palavras Sinhá e Sinhô que por sua vez derivaram de pronomes de tratamento Senhor e Senhora. Era a forma falada pelos africanos no período da escravidão que durou até 1888 para se dirigirem aos jovens rapazes e moças.

¹⁷ A letra está baseada na repetição dos seguintes versos: Eu vou morar/Pra lá de Bagdá/ Onde o petróleo nasce/E não se cansa de jorrar/Não fico mais aqui/Eu quero me arrumar/Eu vou morar/Pra lá de Bagdá/Já tô cansado de almoçar roendo osso/Eu quero um diamante pendurado no pescoço/Com certas odaliscas, servindo o meu jantar.

no esquecimento, mas a expressão “Pra lá de Bagdá” continua sendo utilizada na atualidade para se referir tanto a um lugar distante ou para se referir a alguém que não tem controle de seus sentidos (por estar embriagado ou alienado da realidade). Da mesma forma, Bagdá foi substituída por Marrakesh, cidade do Marrocos, na década de 1970 na expressão “Pra lá de Marrakesh” com a mesma intenção de se referir a alguém que perdeu a razão ou o juízo. Eternizada em 1975 na música popular brasileira na canção *Qualquer Coisa*, o compositor Caetano Veloso acrescentou Teerã, capital do Irã, à miscelânea geográfica: “Esse papo já tá qualquer coisa/Você já tá pra lá de *Marrakesh*/Mexo qualquer coisa dentro, doida/Já qualquer coisa, doida, dentro mexe (...)/ Esse papo meu tá qualquer coisa/E você tá pra lá de *Teerã*!

E assim o Irã entra na rota de duas marchinhas de carnaval e das músicas populares. As marchinhas, ligados ao evento que se tornou fato histórico, caíram no esquecimento, enquanto a segunda perpetuou-se na voz de umas das maiores intérpretes brasileiras, Elis Regina (1945-1982). Ambas foram escritas ao final da década de 1970 e lançadas no contexto da Revolução em curso e, ainda que o Irã fosse um país distante da realidade brasileira, a repercussão do movimento fez parte dos debates da grande mídia impressa e sobretudo pela televisão que, ao final da década de 1970, chegara a boa parte dos lares brasileiros¹⁸.

A imagem do Aiatolá Khomeini estampava as capas de jornais e revistas, e aparecia na televisão em canais de alcance nacional, em oposição à figura do Xá Mohammed Reza Pahlevi. Uma das marchinhas, intitulada “Aiatolá”¹⁹, escrita por Noel Carlos e interpretada por Emilinha Borba (1923-2005) fez sucesso no carnaval de 1979 com referência às mesmas imagens sobre o Oriente Médio (camelo, tapete voador, orações, Allah) e acrescentando uma alusão à derrubada do regime anterior com o verso “Aiatolá, me dá uma colher de chá/xá”²⁰. A

¹⁸ De acordo com o censo de 1970 havia 4 milhões de lares brasileiros com televisão, atingindo 25 milhões de espectadores. No censo de 1980 eram mais de 13 milhões de lares com acesso ao aparelho.

¹⁹ Aiatolá, aiatolá/ Meu carro não pode parar/ Aqui nós não temos camelo para andar/ E nem tapete para voar/ Broto do meu coração/ Reze também por Allah/ Eu posso no meu carrão/ Levar você pra passear/Aiatolá, aiatolá... Olá.../Me dá uma colher de chá/xá.

²⁰ Chá, a bebida. Xá, o monarca.

expressão popular, que faz uso de um talher²¹, significa facilitar as coisas para alguém, descomplicar, dar uma chance ou uma dica, mas no verso é usado como um trocadilho no qual o Aiatolá deveria facilitar as coisas para quem dependesse do petróleo (“Aiatolá, meu carro não pode parar”), como também uma referência à queda do monarca.

No mesmo ano de 1979, o tema da Revolução e dos aiatolás inspirou outra marchinha, criada pelos jornalistas Moacir de Oliveira, Salomon Cytrynovicz e Rubens Artigas, com o título “Marcha dos Aiatolás²²”. No entanto, a irreverência do Carnaval e da marchinha eram aproveitadas para fazer uma crítica ao Regime Militar no Brasil, às medidas econômicas impopulares, assim como ao fim do Governo Geisel (1974-1979) e o início do Governo Figueiredo (1979-1985). Os versos criticavam os generais e a situação econômica e política do Brasil ao usar o verbo atolar (tanto no sentido de afundar, como colocar-se em situação difícil de sair), consideravam os presidentes Geisel e Figueiredo pessoas velhas e senis ao usar a expressão “gagagaisel” (uma junção de gagá, que significa pessoa sem faculdades mentais, e o nome Geisel) e incitavam a derrubada do regime militar no Brasil a exemplo do que vinha ocorrendo no Irã (“Aiatolá, venha nos salvar”).

Por fim, a relação entre aiatolá e o verbo atolar rimando com Allah aparece em um verso da música “Alô, alô Marciano”²³, composta por Rita Lee e Roberto de Carvalho em 1980, com interpretação de Elis Regina (1945-1982), ainda continua sendo ouvida e cantada, ainda que o verso possa passar despercebido a ouvidos menos atentos. Nessa canção, o verso reforça a Revolução com a turbulência no Oriente Médio e associa os acontecimentos no Irã com fanatismo e radicalismo, a outra faceta que se fixou no imaginário popular e na opinião pública com a crise dos reféns.

Assim, a partir de acordos diplomáticos, pesquisas acadêmicas, políticas editoriais, marchinhas de carnavais e músicas populares vai-se construindo uma

²¹ Colher de chá: um talher de cerca de 2 gramas.

²² Geisel você nos atolou/ O Figueiredo também vai atolar/ Aiatolá, aiatolá/ Venha nos salvar/ Que esse governo já ficou Gagá, gagagaisel.

²³ Alô, alô, marciano/Aqui quem fala é da Terra/Pra variar, estamos em guerra/Você não imagina a loucura/ Alô, alô, marciano/ (...)/ A coisa tá ficando russa/ Muita patrulha, muita bagunça/O muro começou a picar/**Tem sempre um aiatolá pra atolar, Alá/Tá cada vez mais down o high society**

visão do Irã no Brasil, por vezes presas a estereótipos, por vezes tentando superá-los. De toda forma, há uma tentativa de aproximação iniciada há 120 anos e que pode vir a se fortalecer daqui para a frente em uma agenda cultural e política que una o Sul global, como representado pelo selo postal lançado no centenário das relações diplomáticas Brasil-Irã simbolizando essa amizade, como segue abaixo.



Selo Comemorativo das Relações Diplomáticas Brasil-Irã²⁴

REFERÊNCIAS

- ACORDO CULTURAL BRASIL-IRÃ. 22.11.1957.
- ADGHIRNI, Samy. *Os Iranianos*. São Paulo: Contexto, 2014.
- AFARY, Janet & ANDERSON, Kevin. *Foucault e a Revolução Iraniana*. As Relações de Gênero e as Seduções do Islamismo. São Paulo: É Realizações, 2011.
- AMARAL, JANAYNE CARVALHO DO. *Turbantes, homens violentos, mulheres de chador, fuga, perseguição, morte e diálogo com o ocidente: a imagem do irã nas capas dos livros publicados no brasil após a revolução iraniana*. Dissertação de Mestrado. Goiás, UFG, 2017.
- AMORIM, Celso. *Teerã, Ramalá e Doha – memórias da política externa ativa e altiva*. São Paulo: Saraiva, 2015.
- ARAÚJO, Lúcia. *Trágica e bela: uma viagem pelas 1001 faces da Pérsia e do Irã*. São Paulo: Alta Cult, 2021
- BERNADET, Jean-Claude. *Caminhos de Kiarostami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOLAN, Mack. *O Irã não faz prisioneiros*. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- CAMARGOS, Marcia M. de Rezende. *A travessia do Albatroz: amor e fuga no Irã dos aiatolás*. São Paulo: Geração editorial/ Ediouro, 2007.
- CARLOS, Newton (Ed.). *Irã: a força de um povo e sua religião*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1979.

²⁴ <https://www.filatelia.com.br/c-2506-100-anos-de-relacoes-diplomaticas-entre-o-brasil-e-o-ira-emissao-conjunta-com-o-ira-2002>.

CARRANCA, Adriana; CAMARGOS, Márcia. *O Irã sob o chador: Duas brasileiras no país dos aiatolás*. São Paulo: Globo, 2010.

CARTER, John F. *Reféns no Irã: A história do impasse que terminou os contatos diplomáticos entre os Estados Unidos e o Irã*. Book Brothers, 2020.

COGIOLLA, Osvaldo. *A Revolução Iraniana*. São Paulo: Unesp, 2008.

COSTA, Renatho & TRAUMANN, Andrew. *República Islâmica do Irã 40 anos: de Khomeini a Soleimani*. Editora Autografia, 2020.

Farid ud-Din Attar. *A Linguagem dos Pássaros* de Farid ud-Din Attar. Editora Attar, 2015.

FIGUEIREDO, Carolina & GALVÃO, Nina. A produção acadêmica brasileira sobre a Palestina entre 2000 e 2021: pesquisas e abordagens. *Veredas da História*, [online], v. 14, n. 2, p. 58-82, dez., 2021

FOUCAULT, Michel. *O enigma da revolta: entrevistas inéditas sobre a revolução iraniana*. 2019

HAFAZ & SAADI. *Vinho, vida e amor*, de Hafez e Saadi. Tradução Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro, José Olympio, 1946.

HAFIZ DE SHIRAZ. *Os Gazeis* de Hafiz de Shiraz. Tradução de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944.

KAPUSCINSKI, Ryszard. *O Xá dos Xás*. A queda do último xá do Irã, que pretendia transformar seu país numa superpotência. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

KHATAMI, Muhammad. *Diálogos Entre Civilizações: o Irã Contemporâneo e o Ocidente*. São Paulo: Attar 2006.

KHAYYAM, Omar. *Rubaiya*. Jose Mario Pereira (Editor). São Paulo: Martin Claret, 2003.

KHAYYAM, Omar. *Rubáiyát*. (Tradução de Jamil Almansur Haddad). Rio de Janeiro: Livraria Editora Pioneira, 1978.

KHAYYAM, Omar. *Rubáiyát: Memória de Omar Khayyám* (Tradução de Luiz Antonio de Figueiredo). São Paulo: UNESP, 2012.

KINZER, Stephen. *Todos os homens do xá: o golpe Norte-Americano no Irã e as raízes do terror no Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MACKEY, Sandra. *Os iranianos: Pérsia, Islã e a alma de uma nação*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.

MANDANIPOUR, Shahriar. *Quando o Irã censura uma história de amor*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MARTIN, René. *Fanáticos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1983.

MEDEIROS, Rui. *A revolução dos turbantes: viagem à República Islâmica do Irã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

MEIHY, José Carlos Sebe. Notas sobre a moderna “Tradição Oral” na MPB: o fabulário árabe no imaginário brasileiro. *História Oral*, v. 10, n. 1, p. 113-130, jan.-jun. 2007, pp. 113-130.

MEIHY, Murilo. *As mil e uma noites mal dormidas*. A formação da República Islâmica do Irã. Rio de Janeiro: Usina das Letras, 2010.

MELEIROS, Alessandra. *O Novo Cinema Iraniano*. São Paulo: Escrituras, 2006.

MINTZI, Vali & JAHANFORUZ, Rita. *A escolha de Shiraz: Um conto iraniano*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

NAFISI, Azar. *Lendo Lolita em Teerã: memórias de uma resistência literária*. Rio de Janeiro: Edições Best Bolso, 2009.

NIZAM. *Laila e Majnun*. A Clássica História de Amor da Literatura Persa. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

OSMAN, Samira Adel. A imigração árabe no Brasil. Balanço da Produção Acadêmica (1970-1920). *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 13, n. 2, jul.-dez., 2020, pp. 236-254.

PINTO, Ivonete. *Descobrendo o Irã*. Porto Alegre: Artes ofícios, 1999.

RUMI. *A flauta e a lua: Poemas de Rûmî*. (Tradução Marco Luchesi). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.

SAADI DE SHIRAZ. *O Gulistan ou O Jardim das Rosas*. Saadi de Shiraz. Editora Attar, 2015.

SAADI DE SHIRAZ. *O Jardim das Rosas de Saadi*. (Tradução Aurélio Buarque de Holanda). Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

SABERI, Roxana. *Entre dois mundos*. Minha Vida de Prisioneira no Irã. São Paulo: Lafonte, 2010.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward W. *Covering Islam. How the media and the experts determine how we see the rest of the world*. New York: Vintage Books, 1997.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAID, Edward W. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANIEE, Parinoush. *Escondi Minha Voz*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

SANIEE, Parinoush. *O Livro do Destino*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SATRAPI, Marjani. *Bordados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SATRAPI, Marjani. *Frango com Ameixa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SATRAPI, Marjani. *Persépolis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEARS, William. *Quando o coração grita: O genocídio dos Baha'ís no Irã*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

SERAJI, Mahbod. *Os Telhados de Teerã*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

SOFER, Dalia. *Setembros de Shiraz*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SOLTANI, Amir & BENDIB, Khalil. *O Paraíso de Zahra*. São Paulo: Leya, 2010.

TRAUMAN, Andrew. *Os militares e os aiatolás. Relações Brasil-Irã (1979-1985)*. São Paulo: Paco Editorial, 2016.